



QUESTÃO 01

Com o estabelecimento da obrigatoriedade do ensino de filosofia no Ensino Médio, duas obras destacaram-se, inicialmente, no mercado editorial de livros didáticos de filosofia (além do clássico CONVITE À FILOSOFIA, de Marilena Chauí). Trata-se das obras FUNDAMENTOS DE FILOSOFIA, de Gilberto Cotrim e TEMAS DE FILOSOFIA, de Maria Lúcia de Arruda Franke. Tais obras, na realidade, apresentaram-se como a tradução de duas concepções fundamentais de ensino de filosofia. Enquanto o FUNDAMENTOS expressava uma abordagem historicizante, percorrendo, em seus capítulos, os principais momentos da história da filosofia, o TEMAS refletia uma perspectiva temática, a partir dos grandes problemas e questões filosóficas. Ora, para o professor, optar por um deles significava, em grande medida, assumir a perspectiva de ensino que eles comportavam.

Ultimamente, os autores esforçaram-se por reunir, numa única obra, as abordagens histórica e temática. Desse esforço, tivemos alguns resultados desastrosos ao meu ver, como por exemplo a obra FILOSOFAR (ou sua versão digital CONECTE FILOSOFAR), de G. Cotrim e Marina Fernandes. A obra consiste numa "acoplagem" de duas partes desconectadas, caindo na redundância e na falta de coesão. A primeira parte é temática, e a segunda, de caráter histórico, é uma literal reprodução de FUNDAMENTOS.

Uma obra, porém, que se destaca por articular, de certo modo, visões histórica e visões temáticas é ~~o~~ o livro FILOSOFANDO que, recentemente, recebeu uma reformulação, sendo publicado sob o título FILOSOFAR COM TEXTOS: TEMAS E HISTÓRIA DA FILOSOFIA. A obra destaca-



- se pelo modo como atribuiu à análise textual, um papel central no desenvolvimento dos conteúdos. Os fragmentos de textos são muito bem selecionados, apresentando-se como pertinentes aos objetivos de cada capítulo. São fragmentos de textos fundamentais da história da filosofia, possibilitando ao aluno alcançar uma intimidade com tais textos, seus autores, seu vocabulário e o contexto em que foram produzidos. As propostas de atividades também versam pelo caminho analítico.

O FILOSOFAR COM TEXTO é assim uma boa opção, ao lado de uma publicação muito recente, de autoria de Silvio Gallo (ed. Ática), *FILOSOFIA COMO EXPERIÊNCIA DO PENSAMENTO*. Esta obra procura ultrapassar a dicotomia das abordagens histórica e temática, apresentando-se como uma terceira via, voltada sobretudo para um processo cujo termo é a elaboração-criação-reformulação de conceitos. Partindo de questões e de problemas, os capítulos apresentam, um alto nível de reflexão e de desenvolvimento de argumentos, apresentando ao mesmo tempo, de modo sincrônico porém contextualizado, as principais contribuições dos autores da história da filosofia, no que concerne especificamente, aos conceitos trabalhados. A obra faz, assim, temas e história girarem em torno dos conceitos, numa clara preocupação com o protagonismo do educando.

Nesse sentido, considero a obra de Silvio Gallo a mais adequada para a minha prática didática (ao menos até o momento), por propiciar um processo autônomo de interação com as questões, os temas, os autores e os textos da história da filosofia, propiciando uma aquisição significativa e reelaborada por parte dos alunos.

Questão 02

A abordagem de conteúdos de história e cultura afro-brasileira e indígena, deve integrar de modo contínuo uma prática de ensino de filosofia que se pretenda inclusiva e voltada para a diversidade. Isso significa que não basta que esses conteúdos sejam inseridos de modo pontual e quase que "extraordinário", para suprir apenas uma necessidade decorrente da lei. É preciso superar nossas compreensões limitadamente eurocêntricas, sobretudo no âmbito da filosofia, resgatando quotidianamente elementos e formas expressivas africanas e indígenas que sedimentam a cultura brasileira.

Nesse sentido, o papel mediador do professor é de grande relevância. Ao desenvolver temas e conteúdos em sala de aula, ele deve ter o cuidado de oferecer e de indicar as relações que podem ser estabelecidas com o reservatório cultural afro-indígena de que dispomos. O inverso também pode ser feito: partindo de elementos específicos desse reservatório, a abordagem pode ser ampliada, abrangendo também os conteúdos "clássicos" de filosofia.

Nesse modo, a forma que considero mais adequada para trabalhar os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e indígena na aula de filosofia é aquela que reflete um planejamento e uma compreensão de ensino em que tais conteúdos estejam realmente integrados, inseridos e contemplados e, sobretudo, em efetiva ~~inte~~ articulação com os demais conteúdos. Para tanto, porém, o maior desafio está na própria formação docente, no mais das vezes despreparada para este modo

de trabalhar os conteúdos.

Gostaria aqui de citar um exemplo de minha própria prática docente. Depois de trabalhar, em sala de aula, o tema da racionalidade moderna e seus desdobramentos, convidei um professor senegalês, do grupo étnico dos Bassaris, para uma aula dialogada com os alunos. O objetivo era que ele expusesse seus costumes e tradições, possibilitando estabelecer um contraste entre a matriz cultural da racionalidade moderna e uma outra matriz cultural, diversa daquela. Entre as diversas questões suscitadas, por parte dos próprios alunos, estava a questão da excisão (mutilação feminina) praticada pelos Bassaris. A questão propiciou uma ampla discussão sobre relativismo cultural que conferiu à própria abordagem da racionalidade moderna uma nova significação para os alunos. Além disso, o fato de o Senegal não ~~representar~~ representar o contingente de africanos trazidos para o Brasil no período colonial foi importante para evidenciar as diferenças no próprio continente africano e suas consequências para a formação da cultura afro-brasileira. Os resultados dessa aula dialogada foram, assim, relevantes e positivos, pois o discurso em primeira pessoa do professor Bassari serviu como um elemento sensibilizador para um contraste de diferenças. E, o que eu gostaria de pontuar, esta aula não era uma aula de "cultura africana" ou "cultura bassari", mas integrante, de modo amplo, o planejamento das aulas sobre racionalidade moderna.

De modo semelhante, portanto, aspectos como música, dança, língua, mitologia afro e indígena ~~podem~~ podem integrar o planejamento das aulas de filosofia.

Questão 03

Na citação mencionada, Kant compreende a aprendizagem de filosofia como uma atividade. Aprender filosofia significa exercer uma determinada ação, significa a performance de um determinado ato. Não há, portanto, qualquer filosofia que se possa "aprender". Pois se houvesse, esse aprendizado estaria fora do campo próprio da filosofia, seria uma contradição com relação a sua essência e seu significado mais íntimo. A filosofia, nesse sentido, difere da ciência e de qualquer saber doutrinário. Ela comporta o movimento do pensamento e, enquanto tal, não pode ser reduzida aos limites de uma construção teórica acabada e final.

A concepção Kantiana do aprendizado da filosofia encontra-se, com efeito, na interseção de duas superações: a superação do ~~ser~~ "ser dogmático" da metafísica e do ceticismo radical. Tais superações, expressas na CRÍTICA DA RAZÃO PURA possibilitaram-lhe estabelecer uma distinção entre conhecer e pensar, resgatando e ressignificando o lugar e o papel da filosofia. Esta é experiência de PENSAR, é decorrente do uso da razão, é o próprio operar da razão sobre as ideias. Isso explica a impossibilidade de se "aprender filosofia", sendo apenas possível "aprender a filosofar".

A tradução da compreensão Kantiana para a prática de ensino é extremamente positiva, pois funda uma prática voltada para um exercício, de modo que aprender filosofia vem a ser fazer uma experiência, dotada de significado e de sentido. Trata-se de propiciar ao educando a possibilidade de percorrer

uma experiência dinâmica e subjetiva, mediante a qual ele deixa de se conformar com o já pensado, não se deixa determinar pelo que os outros querem que ele pense e, sobretudo, re-situa e re-olha as possibilidades para pensar, de novo e de modo original, o que foi pensado na história da filosofia.

Como avaliar o desempenho da ação de pensar? Que estratégias e critérios estabelecer para avaliar o "filosofar". Podemos dizer que a concepção de avaliação segundo a perspectiva kantiana reveste-se de um caráter processual e dinâmico, para além dos instrumentos tradicionais que visavam aferir a assimilação ou a acumulação de conhecimentos.

Atendendo as funções pedagógicas de diagnóstico e de revisão da própria prática educativa, as melhores estratégias de avaliação, coerentes com uma compreensão de ensino de filosofia ~~em~~ voltada para o aprender a filosofar, são aquelas que estão centradas na produção escrita (a dissertação filosófica). Uma vez que a filosofia se desdobra como a experiência do pensamento e se traduz em textos escritos ao longo da história, a prática que a constitui e define, e que deve ser avaliada na escola, é um fazer, caracteristicamente textual. A avaliação de filosofia deve ser a verificação de um processo contínuo, desenvolvido nas aulas, de leitura e de escrita. Decifrando os textos já constituídos historicamente, aproximando-se deles e conquistando maior intimidade com o vocabulário filosófico, o educando deve ser continuamente avaliado em suas produções escritas, em ~~seu~~ ^{seu} paulatino amadurecimento quanto à capacidade de expressar os conceitos a que chegou em palavra escrita.